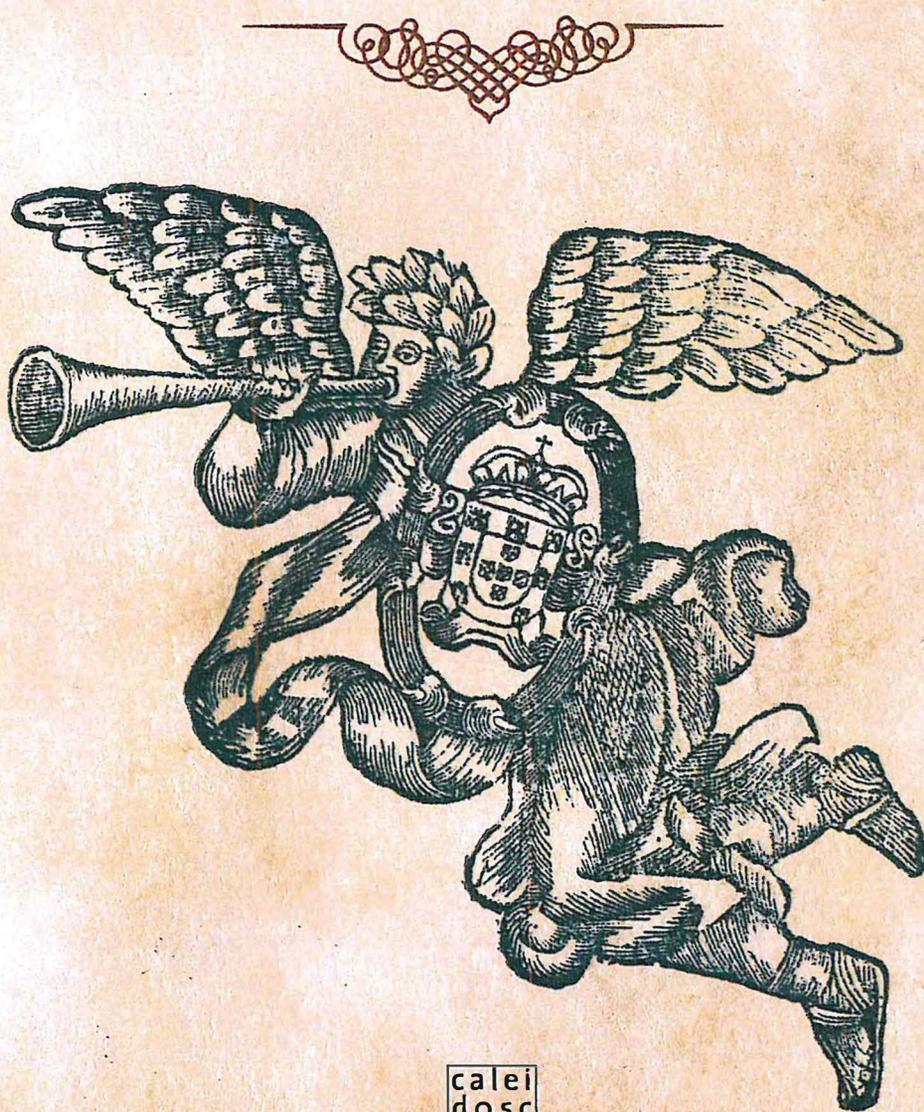


Eurico José Gomes Dias

Representações da Idade Média na imprensa periódica portuguesa entre a Restauração e a Revolução Liberal



calei
dosc
ópio



Eurico José Gomes Dias [Torres Novas, 1976]

Bacharel e Licenciado em Comunicação Social pelo Instituto Superior de Línguas e Administração [Santarém]. Pós-Graduado em Direito da Comunicação pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Pós-Graduado e Mestre em História Medieval e do Renascimento pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde defendeu o Doutoramento, o Pós-Doutoramento e as Provas de Agregação em História. Bolseiro de Doutoramento e Pós-Doutoramento pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Investigador integrado do CEPESE [Centro de Estudos de População, Economia e Sociedade – Porto] e no CHSC [Centro de História da Sociedade e Cultura/FLUC], colabora ainda no Centro de História [FLUL], no CIJVS [Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Santarém], no CIDIUM-IUM [Centro de Investigação e Desenvolvimento do Instituto Universitário Militar], no IEM [Instituto de Estudos Medievais/FCSH-UNL], no CLEPUL [Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias/FLUL], assim como outros organismos científicos e culturais. Auditor do Curso de Política Externa Nacional 2005/2006 [Instituto Diplomático/Ministério dos Negócios Estrangeiros] e Auditor do Curso de Defesa Nacional 2009/2010 [Instituto da Defesa Nacional/Ministério da Defesa]. Presentemente, é Professor Auxiliar com Agregação no ISCPSI – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna [Lisboa] e Académico Correspondente na APH – Academia Portuguesa da História. Autor e coordenador de várias obras, duas das quais galardoadas com «Menções Honrosas» no Prémio Grémio Literário 2010 e 2012, entre numerosos artigos científicos e literários.

**Representações da Idade Média
na imprensa periódica portuguesa
entre a Restauração e a Revolução Liberal**

TÍTULO

Representações da Idade Média na imprensa periódica portuguesa
entre a Restauração e a Revolução Liberal

AUTOR

Eurico José Gomes Dias

REVISÃO TÉCNICA

António Félix Rodrigues

DESIGN E PAGINAÇÃO

Vitor Duarte

CAPA

Mercário com as Armas Reais de Portugal, in BAIÃO, José Pereira – *Portugal Glorioso...*,
Officina de Pedro Ferreira, Lisboa Occidental, 1727

ISBN

978-989-658-487-0

DEPÓSITO LEGAL

433433/17

DATA DE EDIÇÃO

Setembro 2017

EDIÇÃO



CALEIDOSCÓPIO – EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA

Rua de Estrasburgo, 26 - r/c dto.
2605-756 Casal de Cambra. PORTUGAL

Telef.: (+351) 21 981 79 60

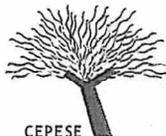
Fax: (+351) 21 981 79 55

E-mail: caleidoscopio@caleidoscopio.pt

www.caleidoscopio.pt

CHSC

CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE
E DA CULTURA



CEPESE



torres

município

Eurico José Gomes Dias

**Representações da Idade Média
na imprensa periódica portuguesa
entre a Restauração e a Revolução Liberal**

calei
dosc
ópio



«Excedo verdadeiramente ás minhas forças, os limites da minha capacidade, quando pertendo examinar factos historicos, que são alheios da minha profissão. Bem o conheço. Mas nasci Portuguez, amo a gloria da Nação, respeito a memoria dos Senhores Reis, e Principes da nossa Monarchia, tenho paixão pela verdade: e se com estes louvaveis estimulos não desempenhar o que prometto, nem evitar completamente qualquer defeito, espero que os bons Portuguezes me perdoem; porque dos que o não forem, e dos Estrangeiros, nem temo a crítica, nem pertendo huma favoravel censura.»

FIGUEIREDO, Pedro José de – «Dissertação Historico Juridica...», in *Memorias de Litteratura Portugueza*, vol. VIII, Parte Segunda, Typographia da Academia Real das Ciências, Lisboa, 1814, p. 253.



Dedico este livro aos meus Pais,
ao Henrique e à Susana,
sem esquecer quem me foi guiando.

Sumário

Siglas e Abreviaturas	13
Prefácio	15

INTRODUÇÃO

A edificação da medievalidade nos periódicos entre os séculos XVII-XIX	19
---	----

I CAPÍTULO

O arranque do periodismo nacional até à *Gazeta de Lisboa* – uma débil presença historiográfica acerca dos tempos medievos

1. Antecedentes da imprensa periódica portuguesa	23
2. Os cânones primordiais da imprensa periódica portuguesa	31
3. A proliferação de outras formas jornalísticas: <i>as folhas, relações e cartas</i>	70
4. Lacunas e difuldades do panorama periódico nos inícios do século XVIII	83
5. O <i>Anno Historico, Diario Portuguez</i> : a Idade Média no fim de uma etapa	91

II CAPÍTULO

O amadurecimento do periodismo português – da *Gazeta de Lisboa* ao *Jornal Enciclopédico*: o aumento das representações medievais

1. A <i>Gazeta de Lisboa</i> como paradigma instituidor	97
2. A caminho da especialização e da diversificação no universo periódico	118
3. O incremento do periodismo literário nos meados do século XVIII	130

4. <i>Fazedores</i> de periódicos: D. José Ângelo de Moraes ou <i>José Maregelo de Osan</i>	149
5. O periodismo literário e historicista na expansão das <i>Luzes</i> em Portugal	157
6. Oscilações e sinais de desgaste na imprensa periódica	176

III CAPÍTULO

Do esplendor do *Jornal Enciclopédico* ao quase apagamento da imprensa no final do século XVIII

1. Os imperativos inovadores do <i>Jornal Enciclopédico</i>	181
2. A especialização cultural e científica do periodismo	223
3. O advento dos jornais musicais e lúdicos	253

IV CAPÍTULO

Sinais de vitalidade da imprensa periódica desde o início do século XIX até às Invasões Francesas

1. O crescente profissionalismo do periodismo	261
2. A persistência da imprensa periódica humorística	270
3. A aridez historiográfica na imprensa periódica	273
4. O crescendo do interesse pelo medievo na imprensa periódica ilustrada	290
5. Nas vésperas de mutações na imprensa periódica	314

V CAPÍTULO

Oscilações e progressos da imprensa periódica em Portugal e na Europa durante as Invasões Francesas

1. O primeiro impacto das Invasões Francesas	323
2. A inexistência de estudos medievais na imprensa periódica brasileira	344
3. Uma perspectiva acerca da tradução dos periódicos internacionais	346
4. A <i>contra-ofensiva</i> do periodismo perante o invasor francês	350
5. Avanços e retrocessos no arranque do periodismo diário	356
6. A manutenção do esforço de guerra na imprensa periódica	369
7. Outros olhares da imprensa periódica em Londres	381

VI CAPÍTULO

Impulsos e entraves à imprensa periódica nas vésperas do Liberalismo

1. O periodismo nacional após as Invasões Francesas	407
2. Periódicos desaparecidos	449
3. Um novo vigor do periodismo português no contexto internacional	451
4. Alguma expressão do medievalismo no periodismo literário	505

VII CAPÍTULO

Reformulações da imprensa periódica no início do constitucionalismo

1. A componente medievalista na historiografia periódica	505
2. Os periódicos no núcleo da Revolução Liberal	513
3. O combate político no periodismo português	520

CONCLUSÕES GERAIS

O Equilíbrio entre as Partes Distintas	533
--	-----

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes Manuscritas	539
2. Fontes Periódicas	539
3. Outras Fontes Impressas	550
4. Obras de Referência	556
5. Estudos Especializados	564
6. Outras Fontes Periódicas & Estudos Subsidiários	584
7. Enciclopédias e Referências Multimédia	585

CORPUS DOCUMENTAL

«Índice Geral de Periódicos Portugueses [1555-1820]»	589
--	-----

Siglas e Abreviaturas

art. cit.	artigo citado;	ms.	manuscrito;
cap.	capítulo;	n.º	número;
cartul.	cartulário;	n.ºs	números;
cf.	confrontar;	nt.	nota;
cod.	código;	ob. cit.	obra citada;
cx.	caixa;	p.	página;
doc.	documento;	pp.	páginas;
et al.	e alguns;	ref. ^a	referência ou referenciado;
f.º	fólio;	s. d.	sem data identificada;
fl.	fascículo;	s. l.	sem local de edição identificado;
fs.	fólios;	s. n.	sem nome de editor identificado;
ft.	folhetim;	ss.	seguintes;
fts.	folhetins ;	tít.	título;
ibid.	ibidem;	tm.	tomo;
id.	idem;	vd.	vide;
l.	linha;	vol.	volume;
liv.	livro;	vols.	volumes;
ls.	linhas;		
m.	maço;		



Prefácio

Nesta obra, resultado da sua tese de doutoramento, o incansável investigador Eurico Gomes Dias traz-nos, para nosso deleite, uma notável recuperação historiográfica da maneira como a imprensa periódica portuguesa concorreu para construir e reconstruir o conceito de «Idade Média» desde 1640 até 1820. Graças ao labor incessante e persistente de Eurico Gomes Dias, recuperaram-se as palavras com as quais os periodistas portugueses da Idade Moderna e das Luzes retrataram a Idade Média e contribuíram para a edificação da nossa memória colectiva.

Conduzidos pela hábil mão de Eurico Gomes Dias, fazemos, ao longo do texto, uma viagem fascinante pelas páginas de folhas volantes e de periódicos seiscentistas, setecentistas e oitocentistas. Uma viagem pelas “estórias” da História, conforme foram contadas pelos periodistas portugueses e reavivadas por Eurico Gomes Dias. Esses periodistas estavam certos de que os seus testemunhos chegariam ao futuro através do impresso. E nisso tiveram razão.

No tempo da “cultura do impresso”, os periodistas foram protagonistas do processo historiográfico. Nas palavras que nos deixaram, sempre revisitadas e revividas, encontram o historiador e o leigo alimento fecundo para a compreensão do passado e para a sua reconstrução interpretada e documentada na narrativa da História. O problema é que os factos históricos foram o que foram, e alguns deles foram narrados com intenção de verdade e factualidade nos periódicos nacionais do passado, mas os periodistas também embelezaram e adornaram alguns factos históricos para encantarem e seduzirem o leitor. Noutras ocasiões, usaram a pena, como muito bem documenta Eurico Gomes Dias, para enquadrar os factos históricos pela lente dos seus propósitos, das suas convicções, das suas crenças, valores e expectativas ou, muito simplesmente, do seu entendimento do mundo.

Um autor genial que reflete sobre a portugalidade, Miguel Real, escreveu no seu livro *Portugal, Ser e Representação* que o nosso país forjou uma

forma mentis singular, isto é, um “imaginário” próprio “de traços históricos individualizadores” que nos “identificam face a outras culturas”. Também Eurico Gomes Dias nos mostra nesta obra notável não só quanto as imagens que temos dos tempos medievos devem à acção dos periodistas, mas também quanto a nossa identidade enquanto povo deve ao imaginário construído, ao longo do tempo, pelos periodistas que protagonizaram a narração dos eventos singulares da nossa História. Os “escritores de jornais” tornaram-se, efectivamente, entre os séculos XVII e XIX, actores sociais de relevo, constituindo, hoje, fontes indispensáveis para os historiadores.

Verdadeiramente, a nossa memória colectiva tem como um dos seus fundos o discurso das singularidades da História feito pelos periodistas. As “estórias” da gesta lusitana que surgiram, aqui e ali, nos nossos periódicos de antanho, contribuem para a edificação científica de uma História de Portugal, tanto quanto concorrem para a construção do imaginário simbólico nacional e dos mitos que, inscritos profundamente na nossa cultura, contribuem para nos identificar como povo. Alguns eventos que os nossos periodistas narraram e alguns dos heróis nacionais que enaltecera são, inclusivamente, aureolados pelo miraculoso e pelo prodigioso, como se as façanhas dos nossos antepassados medievos tivessem um sentido divino ou, pelo menos, metafísico. Por alguma razão o nosso inconsciente colectivo parece que desde o século XVI procura um D. Sebastião capaz de regenerar o país.

Nas narrativas dessas “estórias” da História nacional é assim, por vezes, difícil separar a verdade da ficção, o facto da interpretação, a lenda da realidade, a propaganda do facto. As narrativas dos factos históricos desenvolvidas pelos nossos periodistas têm pois, inevitavelmente, de ser interpretadas pelo historiador em função do registo de cada época. Em cada momento da História, o olhar que se lança sobre o mundo é sempre um olhar moldado pela cultura e pelas crenças, valores, expectativas e até pelos propósitos dos actores sociais da época em causa. Os periodistas do passado, tal como os jornalistas do presente, não são gente imune a essa inevitabilidade. Pode-se e deve-se, portanto, olhar crítica e distantemente para os eventos narrados pelos periodistas, tal como o fez – porque outra coisa não seria possível –, Eurico Gomes Dias. Mas as “estórias” da História narradas pelos periodistas de antigamente e reescritas e reenquadradas por Eurico Gomes Dias também podem ser lidas de outra maneira. Podemos, simplesmente, deixar-nos embalar pela crónica maravilhosa e, por vezes, fantasiosa, fantástica e propositadamente simbólica dos acon-

tecimentos e das personagens que marcaram a História pátria tal como a mente dos nossos periodistas a produziu.

Partilhando connosco as páginas que se seguem, Eurico Gomes Dias convida-nos, pois, a redescobrir um pouco da nossa identidade histórica tal como foi perspectivada pelos periodistas modernos que escreveram sobre a Idade Média. Convida-nos a espreitar um mundo medievo reconstruído simbolicamente por esses periodistas, às vezes factualmente, outras vezes emotivamente, às vezes realisticamente, outras vezes imaginariamente.

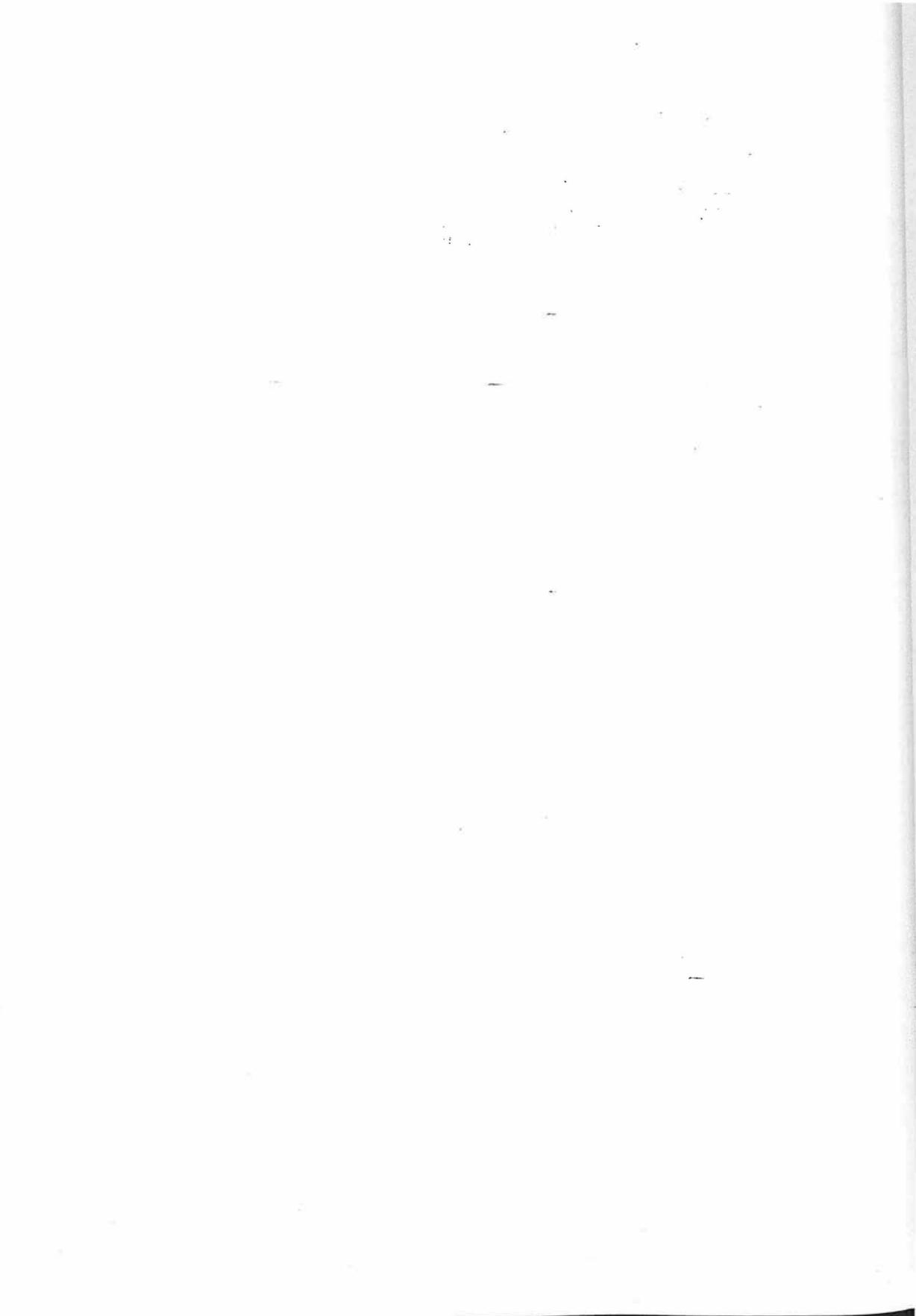
Deixemo-nos, pois, surpreender, guiados magistralmente por Eurico Gomes Dias, ao longo destas páginas fascinantes que presentificam elementos fulcrais da nossa História colectiva, mas que também nos confrontam com as singularidades problemáticas e sempre presentes da nossa cultura.

Jorge Pedro Sousa

Professor Catedrático de Jornalismo

– Universidade Fernando Pessoa

Porto, Maio de 2013



Introdução

A edificação da medievalidade nos periódicos entre os séculos XVII-XIX

Este trabalho, inicialmente uma tese de doutoramento, versou uma problemática, simultaneamente generalista e particular, baseada nas ilustrações sobre a História da Idade Média na imprensa periódica portuguesa entre 1641 e 1820. Surgiram-nos inúmeros periódicos quase desconhecidos da nossa historiografia e passíveis de serem os legítimos representantes de uma tradição e metodologia notáveis, seja na vertente histórica, jornalística ou literária.

Como elementos identificadores de uma longa tendência histórico-cultural, são a melhor estirpe da confluência entre a História e a Imprensa no Saber [e no Ser] português daqueles tempos. Importa fazer *reviver* esse imenso manancial noticioso e historiográfico e, em particular, determinar as circunstâncias em que a *medievalidade* foi publicitada. Serão visões de um mesmo universo? A resposta é afirmativa e absoluta. Poder-se-ia afiançar, num outro prisma, que seriam áreas do Saber completamente antagónicas e sem qualquer conexão entre si. Deste modo, o presente livro pretende colmatar essa lacuna e expor, com a devida modéstia, um universo quase esquecido e que necessita, a nosso ver, de reflexões actualizadas⁽¹⁾.

⁽¹⁾ "Porém, tanto no campo da História como no dos Estudos Literários, os investigadores buscam fundamentalmente nos periódicos testemunhos de uma época determinada. Com grande frequência, jornais e revistas continuam a ser utilizados como meras fontes documentais, primárias ou secundárias, para obtenção de dados que corroborem determinados pontos de vista. Mais recentemente ainda, transformaram-se na peça fundamental de numerosos estudos de recepção literária e cultural. Todavia, a Imprensa Periódica continua a ser encarada como o «meio» que permite alcançar determinados objectivos, mas quase nunca é tomada como um fim, em si mesma. Continua, assim, a constatar-se a inexistência de trabalhos através dos quais se tenha procurado efectuar a teorização do Jornalismo, em geral, e a sua análise específica, enquanto género dotado de traços e contornos peculiares, e, nomeadamente, do periodismo literário." SILVA, João Paulo Pereira da – *Temas, Mitos e Imagens de Portugal numa revista inglesa do Porto. The Lusitanian (1844-1845)*, «Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas», FCG/FCT, Lisboa, 2001, p. 26.

São escassos os estudos sobre a expressão da historiografia medieval na nossa imprensa periódica. Quase não se conhecem, até esta data, nenhum trabalho académico afecto à análise dos estudos medievais desde o aparecimento da imprensa periódica nos meados do século XVII até ao Romantismo⁽²⁾. Que abstracções históricas formaram o conjunto noticioso consagrado à «Idade Média» nos periódicos portugueses entre 1641 e 1820? Pretendemos comentar a relevância da imprensa periódica portuguesa para os estudos históricos medievos. Após a leitura e interpretação pormenorizada de mais de 300 periódicos, depressa constatamos que, além de outras estórias encerradas nas suas páginas, observamos o empenho progressivo dessas publicações por uma *praxis* da História medieval quase desconhecida dos círculos historiográficos tradicionais.

Aqui encontram-se as melhores representações da agremiação entre a História e o periodismo português, cuja colaboração conhecerá copiosas transmutações. Se atentarmos ao panorama da imprensa periódica actual pouco ou nada do que foi usual no discurso noticioso dos séculos XVII-XIX mantém uma aplicabilidade nos nossos dias. Será verídico afirmar que a História e a Imprensa alhearam-se da relação que, solidamente, as conjugava? Quais os caminhos para a História? Tratam-se de outras «visões» da Idade Média que se ‘deslocaram’ do mundo académico e erudito e que, de algum modo, ficaram acessíveis a uma *massa* de leitores que demonstraram uma propensão pelos temas históricos⁽³⁾.

Disposto em vários capítulos, o nosso estudo pretende incluir, num primeiro passo, as questões relacionadas com os limites e as confluências das actividades historiográficas e jornalísticas, tratando-se, seguidamente, dos periódicos incluídos neste compartimento cronológico. São, paralelamente, duas épocas fundamentais da História de Portugal – a Restauração de 1640 e a Revolução Liberal de 1820.

Como conduzir uma investigação por uma melhor percepção da História da Idade Média, de acordo com a imprensa periódica entre os séculos XVII e XIX? Como alcançar a memória histórica destes periódicos e

⁽²⁾ DIAS, Eurico Gomes – *A construção da História Medieval na imprensa periódica portuguesa de Oitocentos*, prefácio de Paula Pinto COSTA, «Manuais Universitários», INCM, Lisboa, 2011.

⁽³⁾ “Não podemos admitir que a História se transforme num monopólio de especialistas, ainda que alguns o reinvidiquem. Foi antes uma verdadeira deformação sociológica que murou a História no círculo estreito dos professores e dos professores de professores. A abertura sobre o presente é a única saída possível, no interior de uma concepção exaustiva e objectiva.” ARIÈS, Philippe – *O Tempo da História*, tradução de Miguel Serras PEREIRA, Relógio d’Água, Lisboa, 1992, p. 229.

os seus propósitos? Justificar-se-á o uso do Jornalismo para a *crónica* da História? Ser-lhe-á indispensável ou algo *descartável*? Qual poderá ser, em suma, o *meeting point* entre estas formas de apreensão da realidade? Será legítimo afirmar que os jornalistas⁽⁴⁾ são igualmente *cronistas* ou *fazedores* da História? Se existe algo de inovador no domínio da historiografia actual será considerarem-se os trabalhos provenientes dos *mass media* como fontes importantíssimas na investigação histórica. Apesar de considerada como uma História *feita no dia seguinte*, apresentará sempre distorções e até uma manipulação intencional, mas não deixará de ser um repositório para a História, encerrando em si, um *espelho do quotidiano*⁽⁵⁾.

Considera-se a imprensa periódica como uma instituição que provê conteúdos com características de actualidade e relevância para um público disperso e diferenciado. Esta função é exequível porque o Jornalismo conquistou uma legitimidade profissional e intelectual para produzir uma [re]construção discursiva da realidade, baseado na fidelidade entre o relato jornalístico e os acontecimentos, quase em tempo real. Mas essa fiabilidade será útil ao campo da historiografia, nomeadamente nas indagações medievalistas?

Que valores possuem os periódicos como fontes⁽⁶⁾ para uma determinada memória historiográfica? Talvez um dos aspectos mais curiosos desta reflexão seja encontrar uma justificação para que os periódicos possam ser estimados como ferramentas vantajosas para a memória historiográfica, inclusivamente para a vertente medieval⁽⁷⁾. Tradicionalmente

⁽⁴⁾ "O jornal é a loja da verdade. O jornalista é o filósofo transformado em comerciante." PARK, Robert - «The natural history of the newspaper», in *American Journal of Sociology*, University of Chicago Press, Chicago, 1923, p. 275.

⁽⁵⁾ "Sim, o jornal, o jornal e o tempo. Este faz pressão sobre aquele, com o seu fluxo irresistível de factos, notícias, acidentes, revelações. Fá-lo apressar-se, precipitar-se, empurra-o sem piedade. Esmaga-o com todo o seu peso. Que existe de mais morto que um jornal de véspera? E, no entanto, cada dia a imprensa periódica renasce, vitoriosa, imperecível, como a Fénix." FABRE, Maurice - *História da Comunicação*, tradução de Liliane e Duarte SIMÕES, 2.ª edição, Moraes Editores, Lisboa, 1980, p. 49.

⁽⁶⁾ "A partir do século passado, a imprensa, particularmente a diária, passa a desempenhar um importante papel, quer na fixação, quer na transmissão dos acontecimentos à posteridade. Mas, porque a sua versão dos acontecimentos nem sempre era ou é a mais isenta e correcta, o investigador que a ela recorre como fonte deve estar convenientemente prevenido relativamente ao jogo de interesses e aos conflitos ideológicos que nela se travam. O mesmo se dirá relativamente a outros meios de comunicação e de informação de massa, como a rádio, a televisão e o próprio cinema." GOMES, Raul Rodrigues - *Introdução ao Pensamento Histórico*, Livros Horizonte, Lisboa, 1988, p. 320.

⁽⁷⁾ NOUSCHI, André - *Iniciação às Ciências Históricas*, tradução de M.ª da Conceição Morais SARMENTO, Livraria Almedina, Coimbra, 1986, pp. 28-30; MARQUES, A. H. de Oliveira - *Guia do Estudante de História Medieval Portuguesa*, Edições Cosmos, Lisboa, 1964, pp. 28-36.

usadas como fontes históricas estritamente direccionadas pela investigação científica para a História Moderna e Contemporânea, a imprensa periódica actual tem sido, geralmente, alheia às questões relacionadas com a História Medieval. No entanto, foi um período largamente discutido nos séculos XVII e XIX. Que interpretações se podem retirar destas hipóteses de estudo, eventualmente auspiciosas?

Quais as relações possíveis entre a notícia, dita *jornalística* e a concepção de um dado *acontecimento*? O que se poderá entender por *acontecimento histórico*⁽⁸⁾ e como se constituirá? Como entender aquilo que aconteceu? De que modo a História e a Imprensa compreendem os acontecimentos enquanto unidades cronológicas? Como se expressa esta miscelânea de conceitos aparentemente inseparáveis? Assim se faz a História...

⁽⁸⁾ “Mas o historiador não é nem um coleccionador, nem um esteta; a beleza não lhe interessa, a raridade tampouco: apenas a verdade. A História é uma narrativa de acontecimentos verdadeiros. Nos termos desta definição, um facto deve preencher uma só condição para ter a dignidade da História: ter acontecido realmente.” VEYNE, Paul – *Como se escreve a História*, tradução de António MOREIRA, «Lugar da História», n.º 20, Edições 70, Lisboa, 1987, p. 21; CATROGA, Fernando – *Memória, História e Historiografia*, Quarteto Editora, Coimbra, 2001.

Este livro estabelece uma conexão alicerçada entre o universo da imprensa periódica nacional e a dinâmica da escrita historiográfica medieval entre meados do século XVII e inícios do século XIX.

Atendendo às centenas de fontes periódicas editadas neste largo período, abordaram-se todas as notícias acerca da Idade Média expostas nestas fontes histórico-periódicas contemporâneas, onde se assiste a uma cientificidade gradual da prática historiográfica. Permanece a escassez e a urgência de estudos históricos desta natureza, pelo menos, ao nível do nosso panorama científico. A História da imprensa periódica em Portugal é [ainda] um campo de estudos limitadamente desenvolvido, embora possuamos um manancial riquíssimo de títulos jornalísticos e uma velha tradição periodista enraizada na nossa cultura.

O autor procura responder, entre outras, a várias questões-tipo: como e porque nasceram os periódicos? Porque persistem ou findaram? Qual foi a sua tiragem e a que público-alvo se orientavam? Qual o papel da leitura particular e das leituras públicas? Qual o interesse pelos estudos históricos encerrados nestes periódicos, especialmente quanto aos assuntos de índole medieval?

CHSC

CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE
E DA CULTURA




torresnovas
município

ISBN: 978-989-658-487-0

